



**Entre Sabores e Sabões: Práticas Sustentáveis e Educação Popular com a cozinha
coletiva do Movimento Camponês Popular**

**Between Flavors and Soaps: Sustainable Practices and Popular Education
with the collective kitchen of the Popular Peasant Movement**

Alynne Lara de Souza¹

<https://orcid.org/0009-0008-0846-0104>

Heloisa Vitória de Castro Paula²

<https://orcid.org/0000-0001-8808-6889>

Simara Maria Tavares Nunes³

<https://orcid.org/0000-0002-7196-4398>

Data de submissão: 19/05/2026

Data de aceite: 11/06/2026

Resumo

Esse relato tem como objetivo descrever uma prática de Educação Popular e Ambiental com mulheres do Movimento Camponês Popular (MCP). A ação ocorreu na cozinha comunitária Sabores do Campo do MCP de Catalão - GO, onde os estudantes do programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) realizaram uma oficina de produção de sabão com um grupo de mulheres camponesas. A atividade teve início com o relato dessas mulheres sobre a própria trajetória até a conquista do espaço da cozinha, um espaço de trabalho e luta, forjado na valorização dos saberes populares que as uniram. A oficina de produção de sabão foi planejada com foco na prática sustentável de produção de sabão utilizando óleo de cozinha usado, integrando conhecimentos tradicionais e científicos, com os princípios da saponificação e a importância do uso de EPIs. Durante a produção do sabão, foi possível realizar uma análise crítica dos impactos do descarte incorreto do óleo no meio ambiente, e resgatar as lembranças afetivas, advindas dessa prática popular, trocando receitas e experiências. A roda de conversa oportunizou a compreensão de como essas mulheres se transformaram a partir da organização social, gerando independência e empoderamento. A coordenadora

¹ Universidade Federal de Catalão. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação, PPGEDUC, alynne.souza@discente.ufcat.edu.br.

² Universidade Federal de Catalão. Professora Adjunta da Universidade Federal de Catalão - Faculdade de Educação. heloisavitoria@ufcat.edu.br

³ Universidade Federal de Catalão. Professora Titular na Faculdade de Educação, FAE, simara_nunes@ufcat.edu.br.





da cozinha enfatizou a necessidade de uma colaboração constante entre a universidade e a comunidade, reforçando que a universidade deve “abrir caminhos” para mudanças de perspectivas e formação de sujeitos críticos, evidenciando a conexão entre o conhecimento popular e o científico.

Palavras-chave: educação popular; educação ambiental; movimento camponês popular (MCP); cozinha coletiva; produção de sabão.

Abstract

This report aims to describe a practice of Popular and Environmental Education carried out with women from the Popular Peasant Movement (PPM). The activity took place at the Sabores do Campo community kitchen of the MCP in Catalão, Goiás, where students from the Master's Program in Education at the Federal University of Catalão (UFCAT) conducted a soap-making workshop with a group of peasant women. The activity began with the women's accounts of their own journeys leading to the achievement of the community kitchen— a space of work and struggle, forged through the appreciation of popular knowledge that united them. The soap-making workshop was planned with a focus on the sustainable practice of producing soap using recycled cooking oil, integrating traditional and scientific knowledge, along with the principles of saponification and the importance of using personal protective equipment (PPE). During the soap-making process, it was possible to carry out a critical analysis of the environmental impacts of improper oil disposal, while also recovering affective memories arising from this popular practice through the exchange of recipes and experiences. The discussion circle enabled an understanding of how these women transformed themselves through social organization, generating independence and empowerment. The kitchen coordinator emphasized the need for ongoing collaboration between the university and the community, reinforcing that the university must “pave the way” for changes in perspectives and the development of critical thinkers, highlighting the connection between popular and scientific knowledge.

Keywords: popular education; environmental education; popular peasant movement (MCP), collective kitchen; soap production.

Introdução

Um dos traços mais marcantes da Educação Popular é a criação de ações educativas que são desenvolvidas e implementadas diretamente na comunidade onde ocorrem, nos conhecimentos do povo e na busca por igualdade. Inspirada pelas ideias de Paulo Freire, essa forma de educar busca unir diferentes saberes e mudar a realidade por meio da escuta atenta e da participação de todos.





A partir dos princípios freirianos de Educação Popular que se delineia esse texto, uma experiência permeada pela troca de saberes na prática de produzir sabão com óleo de descarte e escuta atenta à história de vida de mulheres do campo ligadas ao Movimento Camponês Popular (MCP). O local da vivência foi a cozinha “Sabores do Campo”, coordenada pelas mulheres camponesas e que se constitui como um espaço de trabalho coletivo. A Cozinha Sabores do Campo foi a primeira cozinha de fábrica com sede própria do MCP em Catalão. A iniciativa, organizada e conduzida por mulheres do campo, representa não apenas um espaço de produção, mas também de resistência, identidade e valorização do trabalho feminino no contexto camponês.

Para além de sua função produtiva, a Cozinha configura-se como uma experiência de fortalecimento da economia solidária e da agricultura familiar, ao promover a geração de renda, a autonomia das mulheres e a circulação de alimentos com qualidade nutricional e vínculo territorial. Mais do que um lugar de produção, essa cozinha é um símbolo da luta e força feminina, onde se trocam receitas, lembranças, cuidados e alternativas para a geração de renda.

A experiência da Cozinha Sabores do Campo pode ser compreendida como expressão concreta dos princípios da Educação do Campo, na medida em que valoriza os saberes locais, fortalece a identidade camponesa e promove processos coletivos de organização.

Neste sentido, esta proposta de constituir um espaço de diálogo entre a universidade e a Educação Popular, une de três eixos: a Educação Popular, vista como prática de diálogo e libertação; o Movimento Camponês Popular (MCP), que impulsiona a organização social e a independência das comunidades rurais; e a Educação Ambiental, que considera os efeitos das ações humanas no planeta e a procura por soluções ecológicas no dia a dia. Desse modo, a oficina representou a luta por igualdade social, o poder popular e o cuidado com o meio ambiente.

A roda de conversa com as mulheres camponesas, fez parte da proposta de uma atividade imersiva, como parte da disciplina “Fundamentos da Educação do Campo e o Projeto para a Educação Popular no Brasil” vinculada ao programa de pós-graduação em Educação (PPGEDUC) da Universidade Federal de Catalão (GO). Considerando a trajetória de parceria entre a universidade e o MCP, e o papel que essa parceria ocupa na



história de luta por esse espaço, a cozinha Sabores do Campo foi a experiência selecionada para a realização da atividade.

O principal objetivo da proposta era escutar as mulheres sobre suas trajetórias, lutas e conquistas. A partir da escuta, realizar uma oficina de produção de sabão com reaproveitamento de óleo de cozinha usado, promovendo o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os saberes científicos. Durante a oficina, foram discutidos os processos químicos envolvidos na saponificação e o uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para o manuseio de materiais. Houve um momento para a troca de receitas caseiras e memórias afetivas, fortalecendo a integração entre o conhecimento acadêmico e o saber popular.

Aqui, será relatada essa experiência, refletindo a importância do protagonismo feminino e de como a cozinha foi lugar de resistência e reexistência para essas mulheres, que aliam a solidariedade, o trabalho e a luta, fazendo da cozinha um espaço de aprendizado e partilha, comprometido com a sustentabilidade e valorização do meio ambiente, a partir dos saberes da terra e do território.

Fundamentação teórica: Educação Popular, Educação Ambiental e Protagonismo Feminino

O relato a seguir se sustenta na teoria freiriana, que dialoga com a Educação Popular na perspectiva da troca de saberes. A Educação Popular, inspirada por Paulo Freire, fundamentou a metodologia dessa atividade, que teve a escuta ativa e a participação como elementos principais. No contexto do campo, trazemos o Movimento Camponês Popular (MCP) como instrumento na luta pela valorização da cultura do povo do campo e no empoderamento das mulheres camponesas. Em paralelo, a Educação Ambiental baliza a reflexão sobre nossas ações e atitudes diárias, que exige de nós uma postura comprometida com o meio ambiente, para atuarmos de maneira ecologicamente correta.

Para Freire educar não é forçar conteúdos prontos, mas partir da vida real dos sujeitos, problematizando-a. Seu caráter emancipador se contrapõe a “educação bancária”, onde os educandos são como “‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’



pelo educador (Freire, 1987, p.33). Dessa forma, deve-se valorizar os saberes populares, partindo da cultura, linguagem e experiências da comunidade, sobretudo por meio de temas geradores do cotidiano, que são fundamentais para iniciar o processo educativo considerando a realidade concreta dos sujeitos.

Na perspectiva da Educação Popular, os temas geradores são elementos fundamentais para iniciar o processo educativo a partir da realidade concreta dos sujeitos: “é propor ao povo, através de certas contradições básicas, a sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. (Freire, 1987, p. 100)”. Assim, os temas geradores representam assuntos, palavras ou situações do cotidiano que são significativas para o grupo. “Essas palavras são chamadas geradores porque através da combinação de seus elementos básicos, propiciam a formação de outras” (Freire, 1987, p.6) e, depois, decodificado coletivamente, em um processo de conscientização crítica.

Buscando uma prática de ensino significativa, por meio da cooperação ativa e crítica dos educandos, Paulo Freire, organiza o círculo de cultura em cinco momentos: 1) investigação do universo vocabular (identificação de palavras cotidianas a partir da linguagem e cultura do grupo); 2) seleção de palavras geradoras (termos importantes extraídos dessa investigação); 3) tema gerador geral (etapa que reúne conhecimento popular e protagonismo social); 4) tematização (codificação e decodificação crítica do tema por meio de representações significativas); e 5) problematização (análise crítica, apoiada pela dinâmica reflexão-ação, visando transformação concreta da realidade) (Dantas; Linhares, 2014). Essas etapas são fundamentais porque garantem que o aprendizado seja construído coletivamente, respeitando a voz e a experiência de cada indivíduo.

Dessa forma a educação deve servir para transformar a realidade, enfrentar as injustiças e promover a participação de todos. Em vez de impor conteúdos prontos, a Educação Popular parte do diálogo, da escuta e das experiências das pessoas. Ela mostra que, quando estas se unem para refletir sobre suas dificuldades e buscar soluções coletivas, podem construir um mundo mais justo, solidário e consciente.

Mulheres e Movimento Camponês Popular





Atualmente, a expressão “Grupo de Mulheres” ou “Grupo de Mulheres do “MCP” são termos utilizados para se referir ao coletivo de mulheres que militam no Movimento Camponês Popular (MCP). A trajetória do movimento teve início no ano 2005 com a consolidação do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) no Estado de Goiás. Em 2008, acontece a saída de um grupo da liderança do MPA em Goiás e, em seguida, forma-se o Movimento Camponês Popular (MCP) (Marques, 2015).

Em Catalão (GO), o Movimento Camponês Popular (MCP) começou a desenvolver trabalhos com o artesanato de palha de milho crioula e, em 2008, estabeleceu uma feira livre da agricultura familiar camponesa no Bairro Ipanema. Em 2012, o Grupo de Mulheres do MCP conseguiu acessar o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) no município, inicialmente com 13 integrantes. Em 2014, o contrato já incluía 54 pessoas, sendo 68% mulheres (37), que entregaram 39 produtos diferentes (25 hortifrúteis e 14 panificados) para 29 escolas, consolidando sua participação econômica e organizacional (Marques, 2015, p. 33-34).

Com foco no fortalecimento da organização produtiva das mulheres, o MCP finalizou em Goiás a implantação de três cozinhas coletivas em 2021 e a modernização de uma quarta unidade situada em Catalão, que foi a primeira cozinha coletiva, operante desde 2010. Na cozinha, as camponesas articulam a produção de alimentos com a geração de renda local e a oferta de refeições saudáveis à população. Os produtos das cozinhas atendem à políticas públicas, iniciativas sociais e venda direta nas próprias unidades ou em feiras.

O Movimento Camponês Popular (MCP) tem desempenhado um papel fundamental na vida das mulheres camponesas de Catalão, promovendo não apenas a organização coletiva, mas também o fortalecimento da autonomia feminina no campo. Por meio de ações voltadas à geração de renda e à valorização dos saberes tradicionais, o MCP contribui para a emancipação das mulheres, criando espaços de formação, protagonismo e solidariedade.

Produção de Sabão e Educação Ambiental: Caminhos para uma Ação Sustentável e Coletiva





Por um longo tempo, a Educação Ambiental lutou para ganhar espaço no mundo. Os debates focavam mais em problemas sociais e de dinheiro, deixando a preocupação com a natureza em segundo plano, mas defendida por pesquisadores, professores e grupos ecológicos. Porém, com o tempo, ficou claro que cuidar do planeta era essencial para todos. Hoje, a Educação Ambiental é vista como algo muito importante, ajudando pessoas e comunidades a entenderem sua ligação com o meio ambiente e a buscarem caminhos mais sustentáveis para o futuro (Oliveira *et al.*, 2021).

Neste sentido, a Conferência de Tbilisi (1977) estabeleceu diretrizes fundamentais para a Educação Ambiental, com metas e objetivos claros. Esses objetivos se refletem em cinco áreas interligadas: 1) Melhorar a consciência e sensibilizar os grupos sociais sobre os problemas ambientais globais; 2) Desenvolver uma compreensão do meio ambiente; 3) Promover comportamentos em grupos sociais que demonstrem princípios sustentáveis; 4) Habilitar para a resolução de problemas ambientais; e 5) Estimular a participação da sociedade na busca por soluções ecológicas (UNESCO, 1997).

Na década de 60, a América Latina foi palco de intensas lutas sociais em prol de direitos essenciais. Tal cenário possibilitou, no âmbito brasileiro, os primeiros elos entre Educação Ambiental e Educação Popular (Pereira, 2022). “A gênese do processo educativo ambiental é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens no ambiente” (Tozzoni-Reis, 2001, p. 42-43).

Pensando nessa Educação Ambiental com caráter transformador, produzir sabão com óleo já utilizado, é uma iniciativa que transforma um resíduo poluente em um produto sustentável, aliando teoria e prática. Aprender a lidar com esse poluente que tem o potencial de contaminar até 25 mil litros de água por litro de óleo descartado de forma incorreta (Sabesp, 2025) é uma forma concreta de trabalhar conceitos como reaproveitamento, consumo responsável e preocupação com a comunidade e o ambiente.

Segundo dados do jornal “O Estado de São Paulo”, o consumo de óleo no Brasil atingiu cerca de 4,7 bilhões de litros em 2019. Estima-se que, desse total, aproximadamente 25%, ou seja, 1,17 bilhão de litros, poderiam ter sido reciclados. Quando jogado no ralo, o óleo segue direto para o esgoto, podendo causar entupimentos nas tubulações (Recicla Sampa, 2021).





Na água ele bloqueia a passagem de gases e oxigênio, levando à morte de peixes, plantas e seres microscópicos. O óleo também pode obstruir tubulações, danificar as redes de coleta e aumentar os custos do tratamento da água. Se jogado no solo pode causar contaminação e inundações. Além disso, o descarte do óleo de cozinha acaba sendo um poluente de difícil tratamento e difícil degradação ambiental (Silva *et al.*, 2023). No entanto, a reutilização do óleo usado para produção do sabão é uma técnica relativamente simples, mas que pode fazer uma grande diferença no meio ambiente.

Do ponto de vista ambiental, impede que o óleo alcance a água e o solo provocando sua poluição, além de evitar entupimentos nos esgotos. Na parte social, essa atividade valoriza o conhecimento popular, incentiva a comunidade a tomar a iniciativa e cria oportunidades para compartilhar conhecimentos, principalmente entre as mulheres. Em relação à parte financeira, reutilizar o óleo possibilita fazer um produto de limpeza barato, o que ajuda auxiliando na economia familiar ou até geração de renda. Portanto, essa ação mostra-se uma ferramenta eficaz de mudar a sociedade e o meio ambiente, pois une a sustentabilidade com a criação de cidadãos engajados e o aumento da autonomia individual e coletiva.

Metodologia do relato

A atividade foi organizada como uma oficina prática, como parte de uma possibilidade imersiva no espaço da Cozinha Sabores do Campo das mulheres Camponesas (MCP) situada em Catalão, Goiás. A ideia surgiu no contexto da disciplina de Educação Popular, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

A ação seguiu um roteiro estruturado com cinco etapas principais: 1. Acolhimento e apresentação dos participantes; 2. Roda de conversa baseada na pedagogia freiriana; 3. Orientações sobre segurança e uso de EPIs; 4. Oficina prática de produção de sabão artesanal (líquido e sólido) e troca de saberes e receitas sobre a prática; 5. Encerramento e partilha das experiências.

A proposta da roda de conversa como prática educativa, foi sistematizada pelo círculo de cultura, proposto por Freire (1987), um ambiente igualitário e aberto, onde





estudantes e mulheres camponesas poderiam criar saberes em conjunto, inspirados nas próprias experiências. Inspirada na Pedagogia Freiriana, a prática de educação popular aqui relatada compreendeu o diálogo como um processo amoroso, humilde e carregado de fé na capacidade humana de ser mais, constituindo-se em um encontro autêntico entre sujeitos, A com B, mediatizados pelo mundo, em que não há espaço para a opressão, a arrogância ou a desesperança.

A condução se deu por meio de questões norteadoras, que possibilitaram a expressão dessas mulheres e trouxeram à tona assuntos relevante para o grupo, tais como:

- “Como surgiu a ideia de criar esta cozinha comunitária?”;
- “Quais foram os desafios enfrentados por vocês ao longo dessa caminhada?”;
- “Que saberes e práticas vocês herdaram das mães, avós e vizinhas?”;
- “O que mudou na vida de vocês com a criação desse espaço?”;

A atividade contou com a participação das mulheres que atuam na cozinha comunitária do MCP, estudantes do mestrado em Educação (UFCAT), que participaram como observadores, aprendizes e colaboradores na oficina e a docente da disciplina Fundamentos da Educação do Campo e pesquisadora do projeto para a Educação Popular no Brasil da UFCAT.

A atividade foi realizada na própria cozinha comunitária, um espaço construído pelas mulheres com apoio do MCP e da universidade, criado para a produção coletiva de alimentos e produtos artesanais. A oficina teve duração aproximada de 4 horas, conforme previsto no roteiro da atividade, com divisão entre acolhimento, roda de conversa, orientações, prática e encerramento.

Descrição da experiência

No âmbito da Educação Popular, da Educação Ambiental e motivados pelo Movimento Camponês Popular (MCP), fomos à Cozinha “Sabores do Campo” das Mulheres Camponesas, em Catalão (GO), buscando valorizar os conhecimentos tradicionais, incentivar ações sustentáveis e fortalecer o protagonismo feminino das mulheres do campo. O registro da experiência foi realizado por meio de anotações,





fotografias (com autorização das participantes) e relatos das mulheres sobre suas trajetórias.

Em seguida foi iniciado o Círculo de Cultura, baseado na metodologia de Paulo Freire, com perguntas preparadas com o objetivo de despertar memórias, conversas e reflexões importantes. As perguntas foram feitas durante o relato da fundadora do grupo, que conduziu a partilha com muita emoção e sabedoria. Cada mulher ali presente, mesmo aquelas mais tímidas, reafirmavam, com sua presença e sua voz, que a cozinha é muito mais do que um lugar de produção: é um espaço de luta, cultura e transformação.

Depois de ouvi-las, partimos para a realização de uma oficina de sabão com óleo de cozinha usado, unindo o que elas já sabiam com os conhecimentos científicos. A oficina de sabão foi escolhida, pois uma das estudantes da disciplina tem formação em Química e Biologia, o que ajudou a unir o conhecimento científico com as ideias da Educação Popular, buscando uma leitura crítica de mundo.

Foram produzidos dois tipos de sabões: uma receita de sabão sólido e uma receita de sabão líquido. Ambas as receitas já eram utilizadas anteriormente pelos estudantes da disciplina de mestrado, e faziam parte das receitas de família e por isso foram escolhidas.

Primeiramente preparamos os ingredientes na parte externa da cozinha (1A). Para a receita de sabão sólido utilizamos: 1 kg de soda cáustica em escamas, 5 litros de óleo de cozinha usado, 1 litros de água fria, 1 copo (250 mL) de álcool 96%, 1 copo (250 mL) de detergente de coco. Para o preparo adicionamos em uma bacia plástica o óleo coado em uma palha de aço sobre uma peneira (Figura 1C), o detergente e o álcool. Mexemos bem. Aos poucos, adicionamos a soda cáustica (Figura 1E) dissolvida em água (dissolvemos previamente em um balde com o 1 litros de água fria da receita, para que não ficasse tão quente e diminuísse os riscos durante o preparo – Figura 1D). Mexemos até começar a endurecer e despejamos em uma caixa de papelão coberta com saco de lixo (Figura 1F).

Para a receita de sabão líquido utilizamos: 2 litros de óleo de cozinha usado, 2 litros de álcool, 1/2 kg de soda em flocos ou escamas, 1 frasco de casa flor e 20 litros de glicerina, 20 litros de água. Para o preparo, misturamos em um balde 500 mL de água fria com soda (Figura 1D). Esperamos esfriar, acrescentamos o óleo (Figura 1G) e mexemos até ficar homogêneo. Em seguida, acrescentamos o álcool e mexemos até formar uma

pasta lisa (Figura 1H). Acrescentamos dois litros de água fervente aos poucos e dissolvemos todo o conteúdo.

Depois misturamos 20 litros de água em temperatura natural (Figura 1I). Durante a produção do sabão foi levantada uma discussão acerca da necessidade de se utilizarem os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), a exemplo de luvas e máscaras de proteção (Figura 1B).

Figura 1. Etapas da Produção de Sabão Artesanal



Fonte: Acervo das autoras

Muitas mulheres comentaram que não faziam uso dos EPIs em suas produções caseiras, seja pela dificuldade em obtê-los, ou ausência de orientação apropriada. Desse modo, enfatizou-se a atenção com a saúde e a segurança ao longo de todo o processo, evidenciando que mesmo sendo uma produção caseira, a segurança é essencial.

Outro ponto abordado na oficina foi o impacto do descarte incorreto do óleo, que prejudica os rios, o solo e todo o ambiente. As participantes logo relataram que já é rotina aproveitar o óleo para fazer sabão caseiro em suas casas ou doá-lo a quem faz, mostrando consciência ambiental e cuidado mútuo. Nesse momento ficou evidente como o saber do povo está cheio de soluções viáveis e ecologicamente corretas.



No decorrer da atividade prática, quando explicamos que devemos deixar o sabão “curar”, ou seja, esperar o tempo certo para que a saponificação se complete, tivemos uma discussão bem interessante sobre os cuidados necessários antes e depois da fabricação. Detalhamos que essa cura é essencial para assegurar que toda a soda reaja com o óleo, prevenindo irritações na pele. Foi aí que uma dúvida comum apareceu: algumas mulheres acreditavam que a soda era ácida e, por isso, adicionavam bicarbonato para “neutralizar” a receita.

Esse mito popular provocou um bate-papo sobre o que são ácidos e bases, e aproveitamos para explicar, de um jeito fácil de entender, que a soda (NaOH) é uma base forte. Explicamos que o pH alto (alcalino) no sabão é normal no começo, diminuindo com o tempo de cura. Conversamos sobre como ajustar o pH corretamente, usando ácido bórico, limão ou vinagre, e algumas contaram que já fazem sabão de limão, que aprenderam com a mãe ou avó. Essa troca mostrou como o conhecimento científico pode se aliar ao conhecimento popular, aumentando a compreensão e a segurança nas práticas da comunidade.

As mulheres observaram fase por fase (Figura 1J), compartilhando relatos e receitas. A oficina foi muito além de simplesmente fazer sabão, ela se transformou em um ambiente de reconhecimento e respeito pelo conhecimento popular: “O que se deve reconhecer é que há uma diversidade de “culturas”, diferentes umas das outras, mas todas igualmente estruturadas, coerentes, complexas. Qualquer hierarquização de culturas seria cientificamente incorreta (Soares, 1985, p.14). Neste sentido, o relato das mulheres mostrou sua satisfação ao verem seu conhecimento reconhecido: “Esse sabão aqui tem história, tem mulher que aprendeu com a mãe, que ensinou pras vizinhas, que fez pra vender e comprar o caderno da filha [...] não é só sabão, é resistência”, disse uma das participantes durante a roda de encerramento.

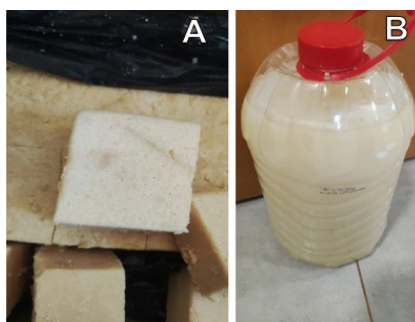
Os mestrandos e a professora que estavam presentes também manifestaram o quão rico foi a experiência, e o quanto aprenderam com as mulheres da comunidade. Assim, o diálogo horizontal só se concretiza quando se reconhecem e valorizam as diferentes vivências, opiniões e pontos de vista dos sujeitos, permitindo a compreensão conjunta e a busca de soluções para os problemas que enfrentam em seu cotidiano. Essa proposta

aproxima-se da crítica à educação científica de caráter bancário, destacada por Barcellos (2020), e aponta para práticas mais participativas e emancipadoras.

A oficina ainda deixou evidente que mesmo iniciativas modestas como fazer sabão, podem despertar a consciência ambiental, fortalecer as mulheres e unir a universidade com a comunidade. Reafirmou também que, quando existe abertura para a troca de conhecimentos, a educação se torna uma ferramenta dinâmica de mudança, de conscientização, onde todos aprendem e todos compartilham seus saberes.

Alguns dias após a oficina recebemos o feedback das mulheres camponesas, compartilhando a qualidade do sabão sólido (Figura 2A) e do sabão líquido produzido (Figura 2B) e o quanto gostaram a experiência. Foi um relato carinhoso, mostrando que o conhecimento compartilhado fez sentido e foi bem aceito por todas.

Figura 2. Sabões produzidos durante a vivência de Educação Popular



Fonte: Acervo das autoras

Em suma, essa vivência destaca como é importante que estratégias e ações pedagógicas estejam conectadas com o contexto de cada lugar, dando a devida importância às tradições culturais do povo, bem como, com o cuidado com o meio ambiente, ressaltando a força da Educação Popular para mudar a sociedade e torná-la mais igualitária e fraterna.

Considerações finais

Participar da oficina de produção de sabão na cozinha coletiva “Sabores do Campo”, dentro da disciplina de Educação Popular do mestrado em Educação da UFCAT, foi algo realmente muito especial. Foi um aprendizado de vida a partir dos relatos,



lembranças, carinho e conhecimentos. Foi um lugar para ouvir, compartilhar ideias e fortalecer a comunidade.

A atividade de fazer sabão trouxe discussões relevantes sobre os impactos ambientais do descarte incorreto do óleo usado, o cuidado ao manusear materiais como a soda e a compreensão dos processos químicos. Além disso, destacamos que os saberes populares, vistos por muitos como lendas ou crenças, possuem fé e tradição, e que ouvi-los é essencial para uma educação que realmente liberta.

A troca de vivências sobre a criação da cozinha e as dificuldades encontradas, mostrou o enorme potencial de aprendizado que existe nas comunidades. A união entre a universidade e a comunidade, como ressaltou a coordenadora da cozinha, não pode ser apenas uma ação da universidade, mas sim um trabalho conjunto e constante. Quando a universidade “abre as portas para a sociedade”, como ela afirmou, oferece a chance de mudanças verdadeiras e recíprocas, e é exatamente aí que está o real significado da Educação Popular, ou seja, capacitar pessoas críticas, capazes de liderar suas próprias vidas.

A experiência contada aqui, deixa além de sabões produzidos, laços mais fortalecidos entre a Universidade e a cozinha coletiva, aprendizados compartilhados e a certeza de que é na união e no reconhecimento do saber popular que se constrói um futuro mais justo, saudável e sustentável.

Referências

BARCELLOS, Marcília. Ciência não autoritária em tempos de pós-verdade. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 37, n. 3, p. 1496-1525, 2020.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular**. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de gestão estratégica e participativa. II Caderno de educação popular em Saúde. Brasília: Ministério da saúde, 2014. p. 73-75. Disponível em: <https://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf> Acesso em: 25 de abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARQUES, Gilliard Pedro. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) em Catalão (GO): alguns desafios do grupo de mulheres do Movimento Camponês Popular



(MCP). **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 3, n. 17, p. 30-44, 2015. DOI: <https://doi.org/10.17271/2318847231720151007> Acesso em: 25 de abr. 2026.

MOVIMENTO CAMPONÊS POPULAR (MCP). **Cozinhas Coletivas MCP GO**. Site do MCP, 2021. Disponível em: <https://www.mcpbrasil.org/post/cozinhas-coletivas-mcp-go>. Acesso em: 26 de mar. 2026.

OLIVEIRA, Ercilene do Nascimento Silva de; SANTOS, Sammya Danielle Florencio dos; SILVA, Fabrícia Souza da; FACHÍN-TERÁN, Augusto. Caixa da Natureza: uma proposta para a educação ambiental em espaços não-formais. **REAMEC – Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**, Cuiabá, v. 9, n. 1, e21020, janeiro–abril 2021. Publicado em 29 jan. 2021. Disponível em: <https://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/437/4372025024/html/index.html>. Acesso em: 20 de mar. 2026.

PEREIRA, Roberta Avila. Diálogos entre educação popular e educação ambiental: caminhos para construção de uma educação ambiental popular. **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v. 11, n. 2, p. 1–18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/6005/3295> Acesso em: 13 mar. 2026.

RECICLA SAMPA. **Brasil descarta incorretamente 1 bilhão de litros de óleo por ano**. *Recicla Sampa*, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.reciclasampa.com.br/artigo/brasil-descarta-incorretamente-1-bilhao-de-litros-de-oleo-por-ano> Acesso em: 17 fev. 2026.

SABESP – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo. **Programa Reciclagem de Óleo**. [S. l.], Disponível em: <https://www.sabesp.com.br/o-que-fazemos/obras-programas/reciclagem-oleo>. Acesso em: 02 fev. 2026.

SILVA, Ana Cláudia Gomes da; PINHEIRO, Larissa da Silva; SILVA, Valéria Santiago da; PEREIRA, Veldenice Gomes; ALVES, Vanessa de Oliveira; ARCE, Weuler Souza. Do óleo de cozinha ao sabão ecológico: uma proposta de educação ambiental e sustentabilidade. **Revista Foco**, v. 16, n. 10, p. 144–158, 2023. DOI: 10.54751/revistafoco.v16n10-144 Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3416/2291> Acesso em: 12 mar. 2026.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. Ática: São Paulo, 1985.

TOZZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Educação ambiental: referências teóricas no ensino superior. **Interface**, Botucatu, v. 5, n. 9, p. 33-50, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000200003> Acesso em: 15 mar. 2026





UNESCO. Educação ambiental: as grandes diretrizes da Conferência de Tbilisi.

Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, 1997. 154 p. (Coleção Meio Ambiente. Série Estudos Educação Ambiental; edição especial, ISSN 0104-7892). ISBN 85-7300-042-2. Disponível em:

<https://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/educacaoambientalasgrandesdiretrizesdaconferenciadetblisidigital.pdf> Acesso em: 12 abr. 2026.